

Quinta sessão

Publicações brasileiras: processos técnicos e novas tecnologias

Arnaldo Niskier

Resumo – Evolução tecnológica dos processos de impressão gráfica.

Desde a invenção da tipografia, por Gutenberg, em meados do século XIV, até os dias de hoje, as técnicas de composição evoluíram de forma sistemática. Mas a partir da última década, com a entrada definitiva da informatização em todo o processo, as novidades têm aparecido com maior frequência.

No Brasil, a indústria tipográfica custou a se desenvolver, o que só ocorreu a partir da vinda da família real, em 1808. Todo o atraso deveu-se à nossa condição de colônia, além das conhecidas pressões da Inquisição.

Hoje, no entanto, demos o salto qualitativo e podemos nos ombrear com as grandes nações do mundo, para as quais perdemos, no entanto, devido às baixas tiragens dos nossos produtos, resultado de um processo cultural ainda precário.

1 O fim da palavra escrita?

Muitos argumentos foram usados para apontar o surgimento dos modernos recursos de informatização como responsável pelo fim dos processos de impressão. As idéias de Marshall McLuhan contribuíram para isso. Em meados da década passada, McLuhan tornou-se o autor mais discutido na área de comunicação. Segundo ele, a comunicação eletrônica dispensaria a palavra impressa, e com isso teríamos o fim dos livros e jornais. Seria a chamada “retribalização” do indivíduo.

Mais de uma década já se passou, e os resultados têm mostrado que, apesar de todo o avanço da indústria e da informática, ela não implicará no fim da comunicação escrita. Ao contrário, todos os inventos surgidos, têm colaborado para tornar a atividade mais rápida e mais produtiva.

2 Composição fria

A grande novidade surgida, com o advento do computador no processo de composição, é que ela passou a ser "fria". A máquina computadorizada possui uma fita, ou disco magnético, com os comandos, e um disco com todos os caracteres. Depois de perfurada a fita magnética, a leitura da máquina faz o seu trabalho, liberando uma prova para correções (prova **printer**). Depois, o disco vai para o computador, que logo após fornece a fita de composição definitiva (filme).

3 Problemas econômicos

A indústria gráfica no Brasil sempre esteve às voltas com problemas de ordem econômica. Como era muito dependente da importação de equipamentos, com a eclosão da II Guerra Mundial, na década de 40, essa prática teve que ser interrompida, e tivemos um período de grandes dificuldades.

A situação perdurou, praticamente, até meados da década de 60, quando surgiram sinais de recuperação da produção gráfica nacional. Muito importante para essa mudança positiva foi a isenção das taxas alfandegárias para a importação de máquinas.

Paralelo a essa questão econômica, o surgimento da foto-composição, que substituiu a composição a quente pela composição a frio, assim como o advento do *offset*, deram um formato definitivo ao perfil da nossa indústria gráfica, transformando-a na mais desenvolvida da América Latina, capaz de produzir milhões de exemplares de jornais, revistas e livros que não ficam nada a dever aos melhores do mundo.

4 Fotocomposição

A criação da fotocomposição é um capítulo a parte na história da indústria gráfica mundial. Em 1926, Walter M. Morey iniciou estudos visando ao desenvolvimento de equipamento que operasse as linotipos, a partir de pontos remotos. Passados dois anos, foi lançado o primeiro teclado TTS, que diversos jornais passaram a utilizar, com o fim da Guerra.

Em 1944, René A. Higonnet criou o processo de fotocomposição: a partir de um disco giratório e um *flash* rápido, projetava-se a imagem de um

caracter. Somente em 1949 a máquina foi lançada comercialmente. De lá para cá, ela foi sendo atualizada, e hoje o modelo original serve apenas como peça de museu.

5 Panorama atual

Com o passar dos anos, diversas novidades têm surgido para facilitar os processos de impressão, tais como: máquina de papel, prensa mecânica, prensa rotativa, linotipo etc. Todos esses inventos possibilitaram o crescimento das editoras de livros e das empresas jornalísticas.

Os processos de composição, no Brasil, têm procurado acompanhar a evolução internacional, ao mesmo tempo que procuram atender às necessidades do momento atual. Tudo isso pôde ser comprovado, recentemente, na realização vitoriosa da III Bienal Internacional do Livro, no Rio de Janeiro.

Estamos adaptando aos poucos nossas instalações aos modernos equipamentos do mercado mundial. O objetivo é estar lado a lado com os países mais avançados — especialmente Japão e Estados Unidos — que a cada ano apresentam equipamentos mais sofisticados.

6 As grandes novidades

No livro *A Evolução*, recém-lançado, da autoria de Raymond Hawkey, e projeto gráfico de Christos Kondeatis, o leitor pode levar grandes sustos. Por exemplo, um peixe que subitamente pula de uma lagoa, ou a erupção de um vulcão. Seria um livro real?

Na verdade, é apenas um dos recursos possíveis na atual arte de composição: são ilustrações *tridimensionais*, que dão a ilusão de movimento. Mas o “novo” na composição não se restringe apenas aos recursos tridimensionais.

Para citar um exemplo vivo da imprensa, a área onde temos uma atuação mais específica, existe no Japão, mais precisamente no jornal *Asahi Shimbun*, um processo de automatização completo. Foi o próprio grupo que desenvolveu o sistema, juntamente com as empresas IBM/Japan, Nippon Electric e Fujitsu. Através do sistema *Nelson (New Editing and Layout System of Newspaper)*, são utilizados trinta minicomputadores, setenta terminais de vídeo, além da UCP (Unidade Central de Processamento), que é da IBM.

Todas as correções são feitas no terminal de vídeo, que recebe também todos os complementos – fotos, legendas, manchetes, anúncios etc. Depois, com as páginas já elaboradas graficamente, um minicomputador as fotografa. A seguir, o filme é levado a uma máquina de clichês, que faz o trabalho final. Já imaginaram a velocidade desse processo?

7 O USA Today

Outro jornal que tem tido grande repercussão pelo seu processo revolucionário de composição é o *USA Today*, que tem a sua impressão feita via satélite em trinta cidades americanas, num processo simultâneo.

O jornal tem as suas páginas fotografadas em quatro cores (vermelho, amarelo, verde-azulado e preto), e depois as mesmas são levadas a um transmissor de *fac-símile*, que é adaptado ao sistema de leitura a *laser*. O transmissor, equipado com um computador, transmite as imagens para uma antena parabólica, localizada no alto do prédio onde fica a redação do jornal.

A antena parabólica passa, então, todos os sinais (imagens) para o satélite geoestacionário *Westar-3*, que fica ao largo da costa da América do Sul. O satélite distribui todas as informações recebidas para as antenas parabólicas das diversas cidades. Os sinais são transformados em prova positiva, fotolito e chapa *offset*, para posterior impressão e distribuição.

8 Videotexto: fracasso?

Uma palavra ainda sobre o videotexto. Ele foi apresentado, há alguns anos, como o jornal do futuro. As pessoas receberiam em casa todas as informações necessárias, sem necessidade de depender da leitura dos “jornais” convencionais. Isso implicaria, também, no fim da edição de livros, pois, pouco a pouco, a leitura tradicional também seria “extinta”.

Hoje, essa possibilidade já não é tão real. As grandes empresas americanas que estavam mais avançadas nessa pesquisa desistiram dos seus projetos, não só pelo alto custo, mas também pela sensibilização de que o *imediatismo* de informações sintéticas *não preenche a necessidade dos leitores*, sempre ávidos de mais informações.

Na França, porém, onde os objetivos não eram assim tão profundos, o sistema está fazendo grande sucesso. Só que em outras atividades. Sem que-

rer competir com a indústria jornalística e livreira, o sistema de videotexto francês oferece diversas opções ao usuário (em torno de quatro mil serviços), onde o mais procurado é a lista telefônica. E assim o videotexto encontra uma utilização mais inteligente. No Brasil, para concluir, ele não obteve até aqui nenhum êxito mais expressivo. Foi utilizado pela Telesp (São Paulo), mas com grande e assustador prejuízo.

Abstract – Technological evolution of the printing press processes.